



**XVI** Fórum  
Internacional  
de **Administração**

Boletim **especial**

**Segunda parte**

**#FIA2019**





## Omar Henneman

“Só tem vantagem quem abre a mente”

O administrador Omar Henneman abriu a programação do segundo dia do XVI Fórum Internacional de Administração (FIA), nesta quarta-feira, 2, com a palestra “O novo administrador liderando a nova economia”. O evento promovido pelo pelos Conselhos Regionais de Administração do Tocantins e do Distrito Federal (CRA-TO / CRA-DF) em parceria com o Conselho Federal de Administração (CFA) acontece em Palmas-TO.

Omar iniciou a palestra contando uma metáfora sobre o interesse dos japoneses por peixe fresco. “Se você estivesse dando consultoria para a empresa de pesca, qual conselho você daria?”, questionou o conferencista. Colocar um tubarão no tanque com os peixes foi a solução encontrada: os mais fracos morrem, mas os fortes permanecem frescos e motivados o tempo todo.

Segundo Omar, “o Fórum Internacional de Administração está trazendo um tubarão para nadar no tanque de vocês”, disse ele ao público, que lotou o auditório do Centro de Convenções Arnoud Rodrigues.

O palestrante também falou do futuro. Para ele, a palavra é usada em vários sentidos e, inclusive, está desgastada. “Tem gente que não está nem aí para o assunto. Nós podemos duvidar, questionar, difamar, mas não podemos ignorar o futuro. O futuro é hoje, é agora”, avisou.

Em seguida, ele falou das rápidas mudanças que estão ocorrendo no mundo. De acordo com ele, o conhecimento adquirido até o momento não é garantia para se manter atualizado. Essas transformações estão promovendo um novo modelo econômico. Sobre isso, ele foi taxativo: “Tem algo que está batendo na nossa porta – a nova economia”, falou.

Entre as mudanças mais sentidas está, sem dúvida, a forma de se locomover nas cidades. Omar citou aplicativos de transporte e os novos meios de locomoção adotados em grandes cidades como o patinete e a bicicleta. Segundo ele, essas mudanças surgiram da necessidade de agilizar as idas e vindas das pessoas.

“Na verdade, um novo padrão econômico surgiu e precisamos prestar atenção nisso”, disse. Recriar, reaprender e repensar são as dicas do Omar para quem quer estar preparado para a nova economia, pois ela impõe um novo modelo de gestão. “Quem não estiver nesse barco, vai ficar alheio a realidade”, alertou.

Omar, que é administrador, disse, ainda, que essas mudanças são uma grande oportunidade para os profissionais de administração. Ele citou o exemplo de Israel, que criou uma máquina para extrair água do ar. “Isso está resolvendo um problema muito sério de falta de água no mundo”, comentou.

*“Na verdade, um novo padrão econômico surgiu e precisamos prestar atenção nisso”*

## ..... O PULO DO GATO .....

Omar comentou que poderia apresentar outros exemplos. Para ele, o pulo do gato é “desaprender e desenvolver novas capacidades para se manter competitivo. Como chegamos até aqui não garante nosso futuro.”.

Porém, não é preciso zerar todo o conhecimento que foi adquirido ao longo da vida. Ele ensina que é preciso aproveitar essa bagagem e aproveitar o tempo com mais qualidade. “Não vamos levar nada daqui, a não ser o que vamos deixar de bom”, avisou.

Por fim, Omar comparou o conhecimento como um cofre e disse: “Permita que coisas boas entrem no seu cofre. Só tem vantagem quem abre a mente”, ensinou o painelistista.

A palestra foi moderada pela presidente do Conselho Regional de Administração do Acre (CRA-AC), Ana Cristina Ferreira de Araújo. Ela foi transmitida pelo CFAPlay. Para conferir a palestra na íntegra acesse [www.cfaplay.org.br](http://www.cfaplay.org.br).







## Representantes da América Latina falam sobre liderança no XVI FIA

Representantes da Argentina, Peru, Paraguai, Brasil e Bolívia participaram do painel sobre liderança durante o segundo dia do XVI Fórum Internacional de Administração (FIA). O evento, promovido pelo CRA-TO e o CRA-DF em parceria com o CFA, acontece em Palmas-TO, de 1º a 3 de outubro.

O administrador Elberth Hernan Samalvides, do Peru, deu início ao debate comentando a palestra do vice-presidente da República, Hamilton Mourão. Para ele, o trabalho do líder é ser exemplo. “Podemos falar bem, mas precisamos apresentar resultados”, disse. Elberth falou, ainda, o que é preciso para ser um bom líder: saber adaptar-se a mudanças, antecipar-se a elas e saber empreender e ter iniciativa. “Uma ameaça, para muitos, é vista como oportunidade”, pontuou.

Em seguida, o presidente do Colégio de Administradores do Paraguai, Daniel Gustavo Colman Ramirez, deu continuidade ao debate sobre liderança. Ele também falou das mudanças que estão acontecendo no mundo, citando a evolução dos celulares como exemplo. Para ele, o líder tem que reaprender o tempo todo para viver essas transformações sem ser engolido pelo mercado. “Um líder guia o time a um sonho compartilhado”, finalizou o palestrante.



A vice-presidente do Colégio de Administradores de Empresas da Bolívia, Luz Daniela Rios Molina, comentou sobre liderança no contexto tecnológico. “Precisamos entender se somos líderes ou não”, questionou a painelistas. Para ela, a transformação é dinâmica e a mudança digital chegará com a transformação cultural e emocional. “Os líderes devem ter um pensamento orientado para a mudança cultural da empresa”, disse, ratificando o que os conferencistas anteriores disseram: “É preciso se adaptar as mudanças. Temos que aprender a desaprender”, falou.

*“Podemos falar bem, mas precisamos apresentar resultados”*

Liderança e cooperativismo foi tema que norteou a fala do vice-presidente da Associação Salvadorenha de Profissionais de Administração, Carlos Balmore Santos. Um dos pontos destacados por ele foram os avanços na comunicação. “É preciso mudar. Precisamos aprender a ouvir nossos funcionários e clientes. O líder precisa ter esse tipo de competência”, avisou o administrador.

Ele também falou que é preciso trabalhar em equipe. “Um bom líder não faz as coisas sozinho. Ele se rodeia dos melhores”, pontuou. Carlos continuou sua fala sobre a importância do modelo econômico do cooperativismo. “Nesse sistema defendemos o interesse comum”, garantiu o conferencista. Para encerrar, ele citou uma célebre frase de Steve Jobs: “A inovação distingue entre um líder e um seguidor. Inovação não tem limites. O único limite é a imaginação. É hora de você começar a pensar fora da caixa”.



O painel foi moderado pelo administrador, especialista em administração financeira. Presidente da Organização Latino-americana de Administração – OLA, Héctor Félix Stoppini. Ao encerrar o debate, ele agradeceu a participação de todos.





## Rubens Hannun

Presidente da CCAB fala oportunidades de negócios entre brasileiros e árabes

No segundo dia do Fórum Internacional de Administração (2/10) aconteceu palestra com o presidente da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira (CCAB), Rubens Hannun. Ele falou do trabalho que sua organização faz para unir interesses econômicos, sociais e culturais entre as nações integrantes da Liga Árabe e o Brasil.

Hannun disse que é comum pensar na relação, apenas, do ponto de vista da agropecuária. Porém, explicou que o relacionamento abrange projetos mais amplos, em setores como tecnologia e inovação; e frisou que as nações integrantes da Liga Árabe possuem 40 % dos recursos financeiros – dos fundos de investimentos do mundo – que poderiam ser aplicados em projetos nacionais.



O presidente da CCAB destacou que o objetivo de sua organização é trazer investimentos ao Brasil e também levar capital brasileiro às nações árabes. “Estamos falando de 22 países, com um total de 400 milhões de habitantes. E como é possível ter liderança junto a todos esses países? Com transparência e seriedade”, revelou.

Hannun destacou que a CCAB busca tratar de forma estratégica o relacionamento com os países, pois do contrário não haveria respeitabilidade, representatividade e não seriam ouvidos quando necessária a presença da organização. Na sequência, falou sobre as diferenças existentes entre os países integrantes da liga, desde países pobres (como a Somália), até países com um dos maiores PIBs per capita do mundo, como o Catar.

Entre os assuntos comentados por Hannun, tiveram destaque os aspectos culturais. Explicou sobre a sharia (leis islâmicas que regem dezenas de países da Liga Árabe) e de temas como o cotidiano em tais nações. Segundo Hannun, há países em que sexta-feira e sábado são considerados dias de fim de semana, tal qual o sábado e domingo no Brasil. Já em outros, seriam quinta e sexta-feira – o que denotaria diferenças culturais existentes, inclusive, entre as nações árabes.



“As diferenças são muitas e devemos levar isso em conta, ao fazer negócios. Quando se fala em países árabes, estamos falando de mais duas dezenas de países. Em alguns existem monarquias, outros são repúblicas, e em outros sistemas de governos inimagináveis por aqui. É apenas diferente, e queremos que os brasileiros entendam que as diferenças não são empecilhos para que haja uma relação saudável entre o Brasil e essas nações, pelo contrário, elas podem se completar”, explicou.

Na sequência, falou sobre as mais de 60 instituições árabes presentes no Brasil, tais como hospitais, clubes poliesportivos e associações de apoio a crianças e idosos brasileiros. A maior parte dos árabes chegaram ao Brasil por volta de 1870 e, desde então, integraram-se à comunidade nacional e hoje possuem influência na política, economia e até no esporte.

Hannun falou sobre a maneira como árabes e brasileiros podem se ajudar. Enquanto a população idosa só aumenta em território nacional, nos países árabes a maioria dos habitantes tem até 24 anos, em franca expansão.

O desafio para o relacionamento de sucesso seria aproximação, com base no conhecimento mútuo das culturas e respeito. Desta forma, haveria maior integração entre trabalhadores e troca de experiências.

*“Juntos, Brasil e as nações da liga árabe representam US\$ 4.3 trilhões. O maior desafio é preservar a identidade, juntar as culturas, sempre com respeito e construção de oportunidades”, resumiu.*





## Tunico Novaes

O novo contexto da tecnologia, na realidade mundial

Um dos pontos altos do segundo dia do Fórum Internacional de Administração (FIA) foi a palestra de Tunico Novaes, diretor do maior evento de tecnologia do Brasil, a Campus Party. Ele falou sobre a revolução digital que já está acontecendo no mundo, e os temas que seus espectadores devem saber para situar-se no mercado, como profissional ou como empreendedor.

Tunico começou explicando no que consiste a revolução digital, contexto em que a Big Data substitui intelecto humano. Citou como exemplo o Watson, sistema robótico da IBM que faz análise de processos com precisão de mais de 90% de acerto, em relação a um advogado humano.

Os geeks – entusiastas por tecnologia que buscam aprender o máximo possível sobre setores específicos da tecnologia – pode ser qualquer pessoa, independente da idade, e “tem um poder gigantesco no ambiente em que ele vive”.

“É o geek é aquele que orienta os pais, tios, avôs a comprarem produtos de tecnologia. Ele tem um baita poder de influência nas mãos e é preciso saber lidar com este cara, falar a linguagem dele e como ele age”, explicou.

Novaes destacou que a geração Z, considerada nativa em tecnologia, embora tenha expertise no tema, não tem resiliência e não saberia ouvir um ‘não’. Mas realçou o lado positivo que eles trabalham por um propósito de mundo e, por isso, vão mudá-lo.

O palestrante frisou, porém que na mesma proporção que a geração Z tem de dominar as principais tecnologias não possuem qualificações necessárias para o mercado de trabalho. “Esses caras (geração Z) tem de ter em mente que se eu (da geração X ou Y) me digitalizar, eu te engulo no mercado de trabalho”, analisou.

Na sequência, ele comparou os sonhos das gerações anteriores (geração Baby Boomers e geração X), cujos sonhos eram possuir um emprego público e ter um diploma, respectivamente. Já a sua geração (Y) era mais ligada à querer empreender e saber fazer diferentes coisas e de forma rápida.





Novaes avalia que a educação no Brasil é baixa, e nos negócios ela é pior ainda. Ele comparou o brasileiro a um profissional que foi demitido, então decidiu abrir seu próprio negócio.

“O problema do desemprego não é político, é da tecnologia que está chegando e vai tomar trabalho de muitas pessoas. Devemos parar de falar em geração de empregos, mas sim em geração de renda, pois o modo de trabalho não apenas vai mudar, como já está mudando no mundo”, revela.

A velocidade dinâmica da tecnologia também foi abordada por Tónico. Ele perguntou à plateia se há cinco anos eles passavam cerca de quatro horas no Facebook, obtendo resposta positiva. Em seguida, ele perguntou se a plateia passa mais de 5 minutos por acesso, hoje, e obteve igualmente afirmação, o que comprovou sua tese.

Sobre o mercado de trabalho ele foi taxativo ao dizer que “talentos e estrategistas tendem a ficar nas empresas” e que não há nada que governos e legisladores possam fazer a respeito da nova tendência mundial.

“Nossos legisladores são tão atrasados que querem novamente regular o Uber. É por causa de gente assim que nossas leis são arcaicas e são ruins de chorar. Alguém deveria dizer a eles, que quanto menos eles se meterem na nossa economia é melhor”, finalizou.









Mais fotos em:  
[fotos.cfa.org.br](https://fotos.cfa.org.br)

**Produção**

**Coordenação Editorial:** RP Renata Costa Ferreira

**Coordenação Gráfica:** André Eduardo Ribeiro

**Produção de textos:** Ana Graciele Gonçalves, Leon Santos,  
Elisa Ventura e Paulo Melo

**Fotos:** CFA e Shutterstock.com